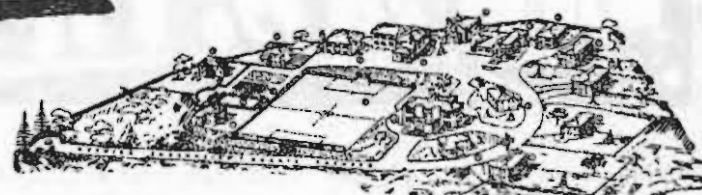




# Gaíto



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 475 — Preço 1\$00  
26 DE MAIO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PÁCO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PÁCO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



## ÁFRICA

**A** novidade de hoje é o novo pavilhão para paráliticos. Mais três dezenas de camas anseiam por quem nas ocupe. Que bem a gente poder dizer a uma pobre enferma, estendida no chão, ou sepultada numa ilha, entre trastes: — venha comigo, que tenho cama em estreia para lhe dar. Que bem! Mas não sei quando poderei fazê-lo. É que faltam braços sãos. O Calvário não é, nem pode ser armazém de doentes. A orgânica está para girar com doentes ao serviço de doentes. Supõe, porém, que há braços de reserva, que deitam a mão, quando aqueles mais precisam. Não falamos de médicos que se dêem, nem de enfermeiros ou enfermeiras que larguem as redes do ofício e venham; esperamos, sim, vidas úteis com alma grande. E há tantas vidas inútilmente vividas! A quantas não há-de o Senhor ralhar: «Estava enfermo e tu...» Tu... perdeste os dias a olhar montras, a saborear acepipes, a encher as horas de conversas ocas, e talvez a ocupar modistas sem conta por tua conta.

Que pena eu tenho de ver aquelas camas sem ocupantes! Mas tu não te decides. Quão desgostosos ficariam os Pobres se eu lhes dissesse onde tu passas o tempo. Não digo. Digo sim que vens a caminho, sem alforge, sem malas, nem família.

A novidade de sempre, nesta coluna, em constante variedade

Dois anos estão prestes a cumprir-se sobre a nossa primeira viagem. São vivos, como então, as imagens e as emoções experimentadas. Eu diria mesmo: mais vivas, — na medida em que o tempo ajudou a consciencializá-las e a expurgá-las dos rebentos de sensibilidade, para que os ramos de inteligência se desenvolvessem e se dispusessem à frutificação. Dois anos cheios de acontecimentos que estremeceram o coração de todos os portugueses — sem dúvida; mas que duvido muito tenham rasgado sulcos suficientemente profundos, para que a purificação das ideias e das decisões se tivesse operado em substancial reforma de mentalidades.

Regressámos, em 60, cheios — como mágoa própria — da

queixa magoada do olvido inconsciente a que os portugueses de cá votavam as Províncias de lá. A insuficiência (para não dizer ausência) de informações e notícias que fossem permitindo construir o conhecimento dos problemas ultramarinos e gerassem interesse por eles — era uma das razões apresentadas.

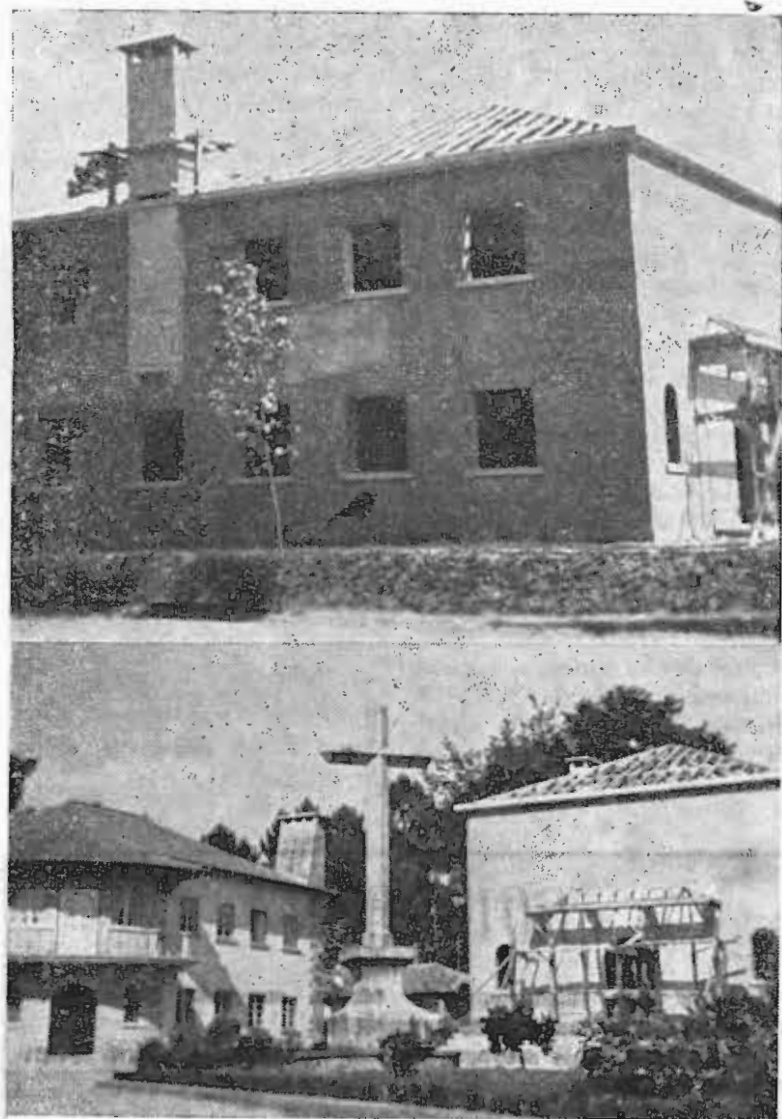
Foi preciso que o sangue corresse, para que a generalidade do Povo se debruçasse sobre Angola e Moçambique e o resto do Ultramar — e ainda assim, mais atento ao anedótico dos sucessos do que às causas deles, aonde se deve procurar o remédio verdadeiro e eficaz que os estanque e evite repetições.

As paredes cobriram-se de cartazes e as montras foram ornamentadas com dísticos de patriotismo. Até as lapelas dos casacos, nos lugares onde poisavam antes emblemas desportivos!... Houve um surto editorial sobre temas angolanos. E a vida continuou, normal em demasia, para que conservássemos na inteligência a noção exacta da gravidade destes nossos tempos, a dispor-nos ao sacrifício, aos, necessariamente demorados sacrifícios, à grande penitência, de onde, só, pode vir a salvação.

Vivemos uma hora de arranque. Quando se lança uma empresa e nela se investem disponibilidades procuradas tanto no fundo de nós mesmos, que nem nós mesmos as suspeitávamos tamanhas — é uma grande aventura que começa, mas uma aventura marcada de certeza pela verdade da entrega total dos que a empreendem. Foi assim sempre, nomeadamente no século heróico e universal da nossa História — e sempre assim será. Só colhe quem semeia. Só «colhe em exultação quem semeia em lágrimas».

Esta é a hora de África. Temos de dar tudo por tudo. Temos de nos dar todos por ela, até para a salvar a ela, que não há redentores entre os que se apresentam mascarados de tal.

continua na terceira página



é o rol de presenças amigas.

À frente «uma pobrinha com 50\$». Do Porto «pequena quantia de mil escudos». Tudo é relativo no mundo, pois outro amigo do Porto também manda «pequena quantia de 50\$». Só o amor é que faz as coisas grandes! Quanto se enganam os homens ao julgarem-se grandes pelo montante de créditos que possuem no Banco. Nós somos tocados por Deus e agimos por virtude da Graça que Ele incute ao nosso fraco ser. É um rapaz quem o confirma: «Junto 300\$ que estavam reservados para um mau fim». Senhora de Alcaide vibra igualmente nestas linhas: «Vão mil escudos para o Calvário. O dinheiro estava destinado para comprar um tapete, que muito tenho desejado; mas terei eu o direito de adquirir só por gosto um tapete que vai ser pisado, quando irmãs minhas dormem no chão?» Mais entusiasmado nestes 450\$, «dados por mim e por minha mulher e com grande prazer por saber que com eles vão ser mais agasalhados os vossos doentes». Mais 500\$ de Lisboa «para minorar a situação dos que sofrem». Adílio da Capital envia 100\$. Modista do Porto, 30\$. Viúva de Aveiro, as últimas roupas

continua na segunda página

### Retrato de um coração sacerdotal

Continuamos a precisar de muita oração.

Estamos no lastro da obra e este tem de ficar seguro. Mais oração, muita oração.

A casa subirá depois a seu tempo. A Fé é alavanca forte.

Tínhamos dito que não precisávamos de dinheiro e eis que apareceu o primeiro: um pedreiro paga uma semana a outro pedreiro. Aqui fica o escalão: uma semana de mão de obra.

Mas, por enquanto o dinheiro não é preciso. A seu tempo se falará nele.

Agora, oração.

(De um jornal paroquial)



# Pobres

**P**OBRES — é um nome sagrado. O próprio Senhor o consagrou com a Sua Vida fazendo-se pobre e deixou-o ficar no

Evangelho para que fosse lido e vivido até ao fim dos tempos. É um nome tão simples e ao mesmo tempo tão rico de sentido! Não o troquemos por outros mais complicados, (por exemplo, **economicamente débeis**) embora mais modernos, talvez. Aos Pobres chamemos-lhes sempre Pobres.

Temos diante dos olhos este quadro lindo: uma casa pequenina, airosa, de janelas rasgadas, onde nada falta do que é necessário e onde nada há de mais. Quem mora ali?—Três pobres velhinhas que mãos sacerdotais recolheram para não acabar os seus dias no abandono. É uma casa de família, onde podem cozinhar, comer e dormir; receber o médico; onde não falta a água, nem a luz, nem condições para que a higiene possa ali morar. Tudo pequenino, tudo muito familiar.

Como nasceu?—De um desejo de resolver de maneira o mais humana e cristã possível o problema dos Pobres sem nada e ninguém, na freguesia.

Todos os que lidam com os Pobres conhecem quantas dificuldades eles sentem em sair do seu ambiente; em sair da terra que os viu nascer e crescer, para entrarem em um asilo. Eles que sempre viveram em ambientes pequeninos, onde toda a gente os conhecia e os chamava pelo nome próprio, sentem-se esmagados—quantas vezes!—ao penetrarem na grandeza daqueles edifícios.

Tivemos realmente pena de não ir, mas tais saídas são impossíveis, enquanto não houver duas Senhoras — uma para ficar entregue da casa e outra para acompanhar as que forem.

O ano passado tivemos que fechar a porta e levar o rancho todo. Mas o transporte e cuidado de vinte crianças fora de casa também se torna difícil. Se tivéssemos uma carrinha...

Desta vez houve, porém, motivo de mais peso que me obrigou a desistir da ida. É que eu tinha dito que só iria à festa este ano quem cumprisse satisfatoriamente todos os seus deveres, tanto na Escola como em Casa ou na rua.

Ora, depois de apuradas as contas, ficou bastante reduzido o número das que mereciam ir. E como não tinha quem ficasse aqui com as outras, o remédio foi não ir ninguém.

Vamos a ver como a vida corre, até ao próximo ano e se então será possível uma Festa em Viseu. Para já uma coisa está assente: Organizaremos um grupo coral que estará sempre ensaiado e pronto a entrar em acção.

O que precisávamos era uma carrinha!

Inês—Belém—Viseu

Uma destas velhinhas deixou na sua barraca duas ovelhas que ela estima como membros muito queridos da família. Todos os dias, da porta da sua nova morada, consola-se toda só por poder olhar para o lugar onde as deixou. Assim não lhe custa a separação.

Temos de ter muita caridade e compreensão na lide com os Pobres mesmo que, por vezes, tenhamos de ser duros.

E se cada paróquia pudesse ter a sua Casa dos Pobres, o seu pequenino Calvário para os doentes incuráveis—tudo nascido e crescido à sombra da Igreja paroquial? Que bom seria!

É preciso dinheiro. Mas antes do dinheiro, tem de haver o homem capaz de se dar. "A Obra terá de ser construída primeiro no coração" — era assim que falava um pároco de uma freguesia pobre e sertaneja, ao reparar no número de casas para Pobres já construídas. Deus é o arquitecto, o empreiteiro; o homem é a massa, a pedra, embora tosca, mas que Deus quer utilizar à vontade para construir as suas obras.

Este é o segredo do triunfo das obras de Deus, onde o dinheiro nunca pode ser o alicerce, mas um instrumento de grande valia quando manejado por mãos hábeis, capazes de se manter puras mesmo depois de lhe tocarem.

É o que os nossos olhos vêem neste momento. Uma freguesia pobre, pequena e que teve a graça preciosa de ter à sua frente um pároco — pai e pastor — que deu e continua a dar a vida desde o dia em que lhe foi confiado o rebanho, como testemunho sempre vivo e prolongado do seu Mestre no meio das suas ovelhas. Sempre solícito para que lhes não falte o alimento da alma e também o do corpo às que o não podem procurar.

A Obra nasceu:—Centro de Assistência Paroquial—Escola de Formação Familiar—Calvário para os doentes incuráveis e refúgio dos pobres sem nada e sem ninguém. É uma freguesia pequena e pobre. Como foi possível?—Antes de ser feita de pedra foi construída no seu coração sacerdotal. Regou-a com as suas aflições e, quem sabe, se com as suas lágrimas também. E Deus abençoou-a e fê-la nascer e agora é árvore que lança as suas sombras benfazejas em redor; onde se acolhem a receber alento espiritual e material os que dela precisam. As obras de Deus são assim. E esta é uma obra de Deus.

P e M. António

Visado pela  
Comissão de Censura

Meus bons Amigos, após tanto tempo sem nada dizer, cá estou novamente para vos comunicar alguma coisa de Ordins.

Aos muitos que nos escrevem e aos muitos que nos ajudam, eu peço perdão por este tão prolongado silêncio. Contudo, não os esqueci e espero que também não se tenham esquecido dos Chales de Ordins. E não nos esqueceram. Disso dão testemunho as cartas que chegam até nós com a ajuda duma esmola, duma enco-

# CHALES

porque não pensamos em nós, ou pensamos demasiado. 176 camisolas pedidas em Julho de 1961.

Pensem um bocadinho nos «Chales de Ordins» e se há por aí alguém que tenha alguns re- e algumas pegas. Para Lisboa foram quatro chales, oito camisolas, dois tapetes e dez pegas. Para o Porto, dois tapetes. Para Alijó, um cobertor, um chale, duas camisolas e qua-

# DE ORDINS

menda e duma palavra de entusiasmo.

É pena que as encomendas não sejam agora numerosas. Efeitos do calor! Mas o calor não impede a Caridade. O calor do coração sempre encontra maneiras de fazer o bem... Assim, de Lisboa recebemos dois pacotes contendo roupas usadas que foram para alguns um bom foliar da Páscoa. Vieram mais 10\$00 «de alguém que se apresenta amiudadas vezes». Alguém que não quer que sua esquerda saiba o que dá a direita, mandou-nos 50\$ e 20\$. E uma Mãe enviou-nos uma pequena ajuda com a promessa de continuar todos os meses e com votos de que muitos outros façam o mesmo. Esta Mãe atendeu o nosso pedido último e o Senhor há-de dar realidade aos seus votos.

Outra assinante do Gaiato mensalmente nos tem mandado um pequeno conforto para aquele pobre doente de que há meses vos falei e que agora, pela Graça de Deus, já goza de mais saúde.

É a Maria Júlia que nos diz que é «só pelo amor aos nossos irmãos que nós podemos estar na amizade de Deus».

Perante estes e tantos outros exemplos de Caridade e amor fraterno que aqui transcrevo para incitamento e agradecimento, que dizer-vos, senão isto?: que Deus recompense no Céu a quem tanto bem faz na terra.

Só a bondade, o braço direito de Deus, há-de tornar menos penoso o nosso exílio na terra. Só a bondade nos há-de alumiar os caminhos desta vida. É fazendo o bem que nos fazemos bons. Nós por vezes não fazemos o bem

## ÁFRICA

continuação da primeira página

É uma hora de aventura, sim, mas aventura marcada de certeza, se nós tivermos a coragem de a vivermos em verdade, dando-nos totalmente, procurando recursos guardados no mais fundo de nós mesmos, dos quais nem nós mesmos suspeitávamos a grandeza.

Cerca de um mês, se Deus quiser, e poisaremos de novo no Aeroporto de Luanda. É uma dúzia de rapazes que já lá estavam. É uma vintena deles que lá estão. São outros, prestes a partir, após a recruta há pouco iniciada. São muitos, bons, provados Amigos. É Angola, prenhe de promessas geradas em dor, que vamos rever, menos emocionados, talvez, mas mais conscientemente apaixonados do que dois anos antes.

verá alguém? É que, se entregamos apenas as receitas aos doentes, será mais um papel nas suas casas.

Quem escuta este pedido?

Já se encontram em Angola as

tro pegas. Foi mais um chale para Niza e outro para o Estoril.

Espero que no próximo número possa a todos os que nos lêem e se interessam por nós dar mais e sempre melhores notícias.

Padre Pires



## Auto-Construção

Para quê Auto-Construção? Para quebrar um individualismo que tem tão pouco de cristão como de humano. O homem deve reconhecer-se como membro de uma família. Não foi criado para viver isolado, errante. Nem torres de marfim nem vagabundagem sem família, sem pátria. Auto-Construção demonstrará praticamente que a união faz a força e que quando todos forem por um e um por todos não há dificuldades que se não vençam. A união é frequentíssimas vezes assunto de discursos, de brindes, de sermões, de artigos de jornais, de apelos patrióticos, religiosos e baírristas. A união é uma aspiração dos homens responsáveis e dos povos. Mas o homem tem a sua superpersonalidade, os grupos têm os seus pontos de vista muito restritos e os povos olham para os outros não como irmãos, mas quase sempre como barreiras. Tem de haver no indivíduo uma mentalidade firmada em provas evidentes, em realizações práticas, em exemplos claros como a luz do meio dia. Também para restituir a alegria ao trabalho. O homem que nasceu para trabalhar, que precisa de trabalhar, que só se realiza no trabalho e pelo trabalho, deixou de olhar esse trabalho como meio de aperfeiçoamento e regeneração, para o olhar apenas como castigo e prova de inferioridade no campo social. Alguns trabalhos na província são considerados próprios das pessoas menos dotadas, menos empreendedoras. Todos os que podem safam-se, para os empregos, para os serviços. Como todos estes têm férias e como há facilidades de transportes, basta um mês passado nas suas terras para levarem muitos trabalhadores a sentirem incontida revolta pela

sua situação. Auto-Construção preverá um pouco mais os trabalhadores ao seu meio. Como é o grupo que trabalha, haverá um ambiente mais alegre, menos pesado. Acontecerá assim em toda a parte onde se constituírem equipas de Auto-Construtores. O trabalho feito com alegria será muito menos fatigante. E ainda também para valorizar profissionalmente o trabalhador. Ele, enquanto dura o período da construção das casas não sabe se trabalha na sua própria ou se trabalha na casa dos outros. A não ser que o próprio tenha dado o terreno, as casas serão sorteadas quando todas as do grupo estiverem concluídas. Trabalharão certamente com mais cuidado, pois, na prática, estão sempre a trabalhar para si mesmos. Há ainda um outro aspecto a considerar. Acompanharão a construção das casas em todos os pormenores e assim ganharão luzes de construção em geral. Assim se valorizam profissionalmente muitos dos nossos trabalhadores.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

## PEDIDO

Um nosso Amigo coleccionador do Famoso, precisa dos seguintes números, completamente esgotados:

1, 9, 10, 24, 26, 39, 44, 46, 57, 63, 72, 73, 74, 78, 80, 83, 84, 85, 86, e 87.

Quem lhe acode?



